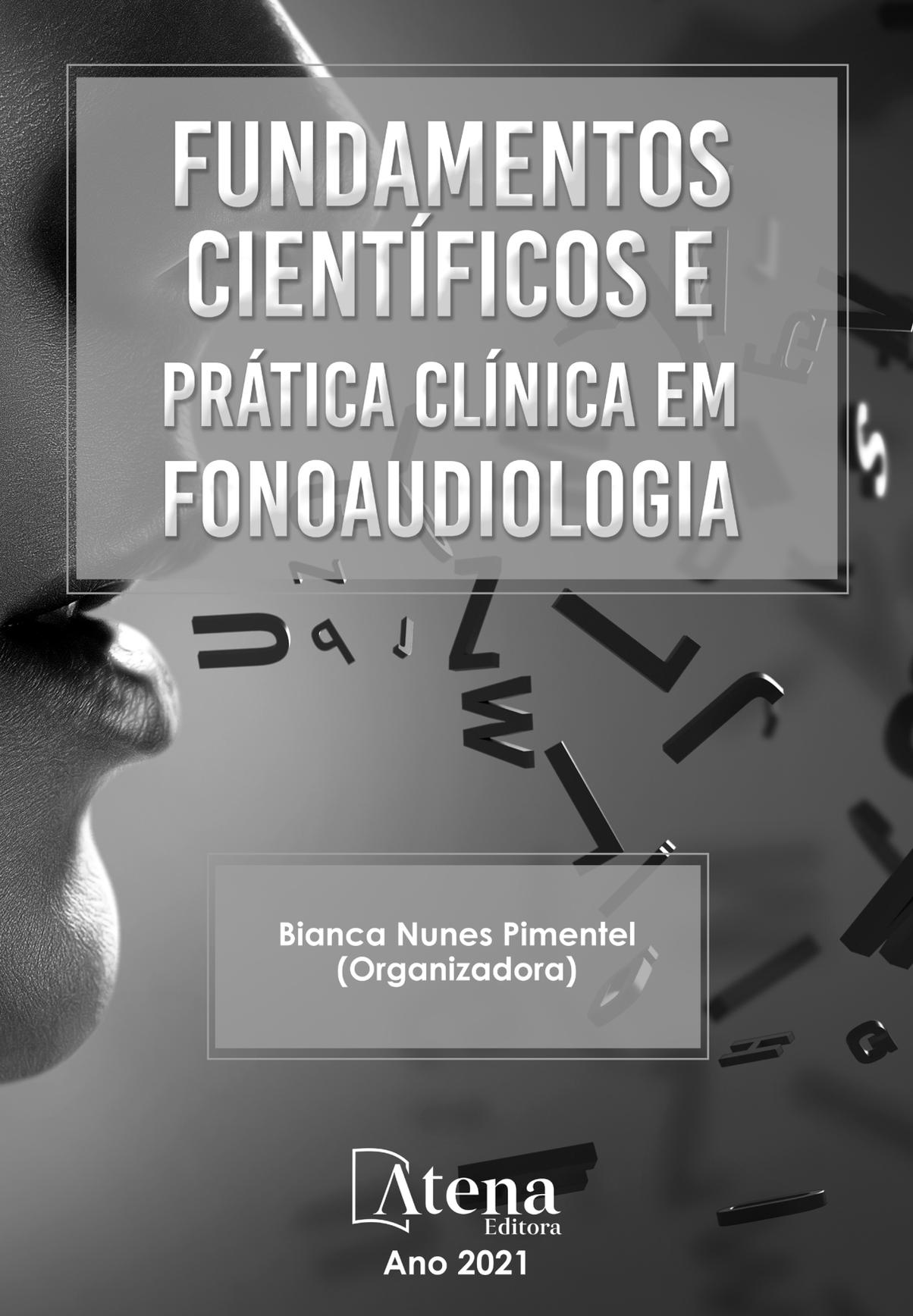


FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

Bianca Nunes Pimentel
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2021



FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

Bianca Nunes Pimentel
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Fundamentos científicos e prática clínica em fonoaudiologia

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Bianca Nunes Pimentel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F981 Fundamentos científicos e prática clínica em fonoaudiologia
/ Organizadora Bianca Nunes Pimentel. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-087-9

DOI 10.22533/at.ed.879212105

1. Fonoaudiologia. I. Pimentel, Bianca Nunes
(Organizadora). II. Título.

CDD 616.855

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A idealização da profissão de Fonoaudiólogo teve início por volta dos anos 30 do século XX. No Brasil, o ensino da área começou na década de 60, com a criação dos cursos voltados à graduação de tecnólogos em Fonoaudiologia. Após movimentos pelo reconhecimento da profissão, nos anos 70, foram criados os cursos em nível de bacharelado.

Em 09 de dezembro de 1981, a Lei 6.965 regulamentou a profissão, definindo o Fonoaudiólogo como o profissional que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológica na área da comunicação oral e escrita, voz e audição. Desde então, os profissionais tem se dedicado, além da prática clínica, à investigação de procedimentos e técnicas, juntamente com outras áreas do conhecimento, para melhor compreensão dos fenômenos concernentes ao processo saúde-doença, bem como para o desenvolvimento de novas tecnologias para a saúde. Em decorrência dessa produção científica, a Fonoaudiologia ampliou seus horizontes e, atualmente, conta com várias especialidades.

A obra “Fundamentos Científicos e Prática Clínica em Fonoaudiologia” é uma coleção com três volumes, que tem como objetivo principal a discussão científica de temas relevantes e atuais, abordando, de forma categorizada, pesquisas originais, relatos de casos e de experiência, assim como revisões de literatura sobre tópicos que transitam nos vários caminhos da Fonoaudiologia.

Neste primeiro volume, o leitor encontrará pesquisas sobre Linguagem e Desenvolvimento Humano, Tecnologias para a Comunicação, Fonoaudiologia Educacional e Voz. O volume II reúne pesquisas sobre Audiologia, Perícia Fonoaudiológica, Saúde do Trabalhador, Saúde Coletiva, Formação Superior em Saúde e aprimoramentos da Prática Clínica. Por fim, o volume III abrange as temáticas Fonoaudiologia Hospitalar, Saúde Materno Infantil, Motricidade Orofacial, Disfagia, Fononcologia, Cuidados Paliativos e aspectos relacionados ao Envelhecimento Humano.

Por se tratar de uma obra construída coletivamente, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aos profissionais, professores, pesquisadores e acadêmicos de diversas instituições de ensino e pesquisa do país que, generosamente, compartilharam seus trabalhos compilados nessa coleção, bem como à Atena Editora por disponibilizar sua equipe e plataforma para o enriquecimento da divulgação científica no país.

Desejo à todos e todas uma boa leitura!

Bianca Nunes Pimentel

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A MULTIMODALIDADE E A AVALIAÇÃO DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS ATÉ DOIS ANOS DE IDADE

Carolina Belisario Bizutti
Irani Rodrigues Maldonade
Kelly Cristina Brandão da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8792121051

CAPÍTULO 2..... 17

O TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E POSSÍVEIS COMORBIDADES - EM BUSCA DA INTERDISCIPLINARIDADE

Larissa Corrêa Batista Guimarães
Rachel da Costa Muricy
Francielen dos Santos Silva de Marins

DOI 10.22533/at.ed.8792121052

CAPÍTULO 3..... 27

ALTERAÇÃO SENSORIAL E ATRASO DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ana Carolina Nogueira da Silva
Mariana Ferraz Conti Uvo

DOI 10.22533/at.ed.8792121053

CAPÍTULO 4..... 38

EXPERIÊNCIAS MUSICAIS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Cristiane Furlan

DOI 10.22533/at.ed.8792121054

CAPÍTULO 5..... 47

QUESTIONÁRIO PARA A INVESTIGAÇÃO DAS HABILIDADES COMUNICATIVAS DE CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS DE LINGUAGEM E COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO

Shelly Lagus
Amanda do Carmo Campana
Fernanda Dreux Miranda Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.8792121055

CAPÍTULO 6..... 55

APLICAÇÃO DE UM ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DE LINGUAGEM NA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN ENTRE 18 E 36 MESES

Amanda do Carmo Campana
Ingrid Ya I Sun
Shelly Lagus
Fernanda Dreux Miranda Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.8792121056

CAPÍTULO 7.....	68
COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E/OU ALTERANTIVA: UM CAMINHO ALÉM DA FALA	
Cristiane Furlan	
DOI 10.22533/at.ed.8792121057	
CAPÍTULO 8.....	79
CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA LIVRE PARA SINTETIZAÇÃO DE VOZ A PARTIR DE TEXTO	
Bárbara Circe Costa Silveira	
William D'Andrea Fonseca	
Leonardo Jacomussi Pereira de Araujo	
Paulo Henrique Marezze	
DOI 10.22533/at.ed.8792121058	
CAPÍTULO 9.....	90
USO DA mHEALTH NO PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE AUDITIVA DE ESCOLARES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Adriana Bender Moreira de Lacerda	
Élise Lévesque	
Lys Maria Allenstein Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.8792121059	
CAPÍTULO 10.....	105
A DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO BRASIL E AS PERSPECTIVAS PARA A FONOAUDILOGIA EDUCACIONAL	
Bianca Nunes Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.87921210510	
CAPÍTULO 11.....	119
A UTILIZAÇÃO DE LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO SURDAS	
Raquel Aparecida Lopes	
Cibelle Albuquerque de La Higuera Amato	
DOI 10.22533/at.ed.87921210511	
CAPÍTULO 12.....	135
ANÁLISE DE ERROS ORTOGRÁFICOS NA PRODUÇÃO DE ESCRITA	
Ana Paula Montecchiari da Silva	
Jayne Rosa Abreu	
Cláudia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.87921210512	
CAPÍTULO 13.....	148
ANÁLISE DOS RESUMOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE FONOAUDILOGIA NA ÁREA TEMÁTICA DA FONOAUDILOGIA EDUCACIONAL	
Kissia Souza da Paixão	
Isana Kelly Pereira da Cruz de Araújo	

Maria Nobre Sampaio
Cláudia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.87921210513

CAPÍTULO 14..... 159

CONTRIBUIÇÕES DA FONOAUDIOLOGIA NAS HABILIDADES PREDITORAS PARA A ALFABETIZAÇÃO

Moniki Aguiar Mozzer Denucci
Elizabeth Matilda Oliveira Williams
Jeane Monteiro Ribeiro
Tânia Machado de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.87921210514

CAPÍTULO 15..... 173

INTERVENÇÃO ORTOGRÁFICA PARA ERROS DE ESCRITA

Jayne Rosa Abreu
Ana Paula Montecchiari da Silva
Cláudia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.87921210515

CAPÍTULO 16..... 187

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM E AS HABILIDADES PERCEPTO-VISOMOTORAS E DE ESCRITA MANUAL

Milena Sansone Duarte Maciel
Giseli Donadon Germano

DOI 10.22533/at.ed.87921210516

CAPÍTULO 17..... 198

DISLEXIA E PROCESSAMENTO AUDITIVO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Fabiana Cristina Rocha
Luciana Lozza de Moraes Marchiori
Mariana Ferraz Conti Uvo

DOI 10.22533/at.ed.87921210517

CAPÍTULO 18..... 212

MEDIDA DE FLUÊNCIA DE LEITURA EM ESCOLARES COM DISLEXIA DO SUBTIPO MISTO

Simone Aparecida Capellini
Livia Nascimento Bueno
Caroline Silva Araújo
Clara Michelazzi Fazzolo
Noemi Del Bianco
Ilaria D'Angelo
Catia Giaconi

DOI 10.22533/at.ed.87921210518

CAPÍTULO 19.....	221
VELOCIDADE E LEGIBILIDADE DE ESCRITA MANUAL DE ESCOLARES COM DISLEXIA DO SUBTIPO VISUAL, FONOLÓGICO E MISTO	
Natália Lemes dos Santos	
Monique Herrera Cardoso	
Simone Aparecida Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.87921210519	
CAPÍTULO 20.....	232
VISÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS VICISSITUDES	
Iasmim Soares Nicoli	
Irani Rodrigues Maldonade	
DOI 10.22533/at.ed.87921210520	
CAPÍTULO 21.....	243
VIOLÊNCIA ESCOLAR E SINTOMAS VOCAIS AUTORREFERIDOS POR PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO	
Andréia Cristina Munzlinger dos Santos	
Walkiria Barbosa Santos	
Luana Medeiros de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.87921210521	
CAPÍTULO 22.....	253
PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE CARACTERÍSTICAS VOCAIS, COMUNICATIVAS, COMPORTAMENTOS VOCAIS ABUSIVOS E COMPORTAMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS COM E SEM DISFONIA	
Amanda Gabriela de Oliveira	
Eliana Maria Gradim Fabbbron	
DOI 10.22533/at.ed.87921210522	
CAPÍTULO 23.....	260
RELAÇÃO ENTRE DISFONIA E ALTERAÇÕES NO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL: UMA REVISÃO DE ESCOPO	
Amanda Aureliano Pereira	
Samara Caroline dos Santos Silva	
Maria Cecilia dos Santos Marques	
Edna Pereira Gomes de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.87921210523	
CAPÍTULO 24.....	274
ANÁLISE NÃO LINEAR DE VOZES EM MULHERES IDOSAS SAUDÁVEIS	
Eryne Alves Bafum	
Viviane Cristina de Castro Marino	
Evelyn Alves Spazzapan	
Débora Godoy Galdino	
Lídia Cristina da Silva Teles	
Arlido Neto Montagnoli	

Luana Alves Fernandes
Eliana Maria Gradim Fabbron
DOI 10.22533/at.ed.87921210524

CAPÍTULO 25.....287

ANÁLISE ACÚSTICA DA VOZ DE HOMENS TRANS

Maria Eduarda Farias da Silva
Ana Nery Barbosa de Araújo
Maria Luisa Souza Granja
Daniela de Vasconcelos
Jonia Alves Lucena

DOI 10.22533/at.ed.87921210525

CAPÍTULO 26.....299

IMPACTO DA TERAPIA HORMONAL NA VOZ DE HOMENS TRANS

Maria Luisa Souza Granja
Jonia Alves Lucena
Maria Eduarda Farias da Silva
Tamires Yohana Nascimento de Almeida
Daniela de Vasconcelos
Ana Nery Barbosa de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.87921210526

CAPÍTULO 27.....307

EXPRESSIVIDADE NO CANTO POPULAR: A ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA PERFORMANCE DE CANTORES POPULARES

Juliana da Cruz Sampaio Lucas
Émile Rocha Santana
Aloísio Machado da Silva Filho

DOI 10.22533/at.ed.87921210527

SOBRE A ORGANIZADORA.....320

ÍNDICE REMISSIVO.....321

CAPÍTULO 21

VIOLÊNCIA ESCOLAR E SINTOMAS VOCAIS AUTORREFERIDOS POR PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 08/03/2021

Andréia Cristina Munzlinger dos Santos

Instituto de Fonoaudiologia do Centro
Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
Várzea Grande – Mato Grosso
<http://lattes.cnpq.br/1514144910653576>

Walkiria Barbosa Santos

Instituto de Fonoaudiologia do Centro
Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
Várzea Grande – Mato Grosso
<http://lattes.cnpq.br/2789215683794038>

Luana Medeiros de Azevedo

Instituto de Fonoaudiologia do Centro
Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
Várzea Grande – Mato Grosso
<http://lattes.cnpq.br/7210419222934217>

RESUMO: **Introdução:** A violência é compreendida como um problema de saúde pública e consiste em qualquer atitude ou ação que cause algum prejuízo físico, social, psicológico e/ou espiritual a uma pessoa ou ser vivo. A literatura recomenda que o professor tenha em sala de aula uma voz clara, potente, estável e animada. Porém, a violência escolar quando presente, poderá afetar a produção vocal do professor. **Objetivo:** Descrever a violência escolar e os sintomas vocais autorreferidos por professores do ensino público. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, observacional, transversal, que foi realizado na rede pública de ensino da cidade

de Cuiabá-MT. Foram selecionados profissionais que atuam como professores na rede pública de ensino, sendo aplicado o Questionário Condição de Produção Vocal – Professor (CPV-P) elaborado por Ghirardi e colaboradores (2013), que visa investigar os comportamentos vocais de professores durante as atividades profissionais e pessoais. Os dados coletados foram tabulados e submetidos à análise descritiva. **Resultados:** 80 professores participaram do estudo, sendo 75,8% mulheres. Quanto à frequência com que sofrem violência escolar, 22,5% disseram nunca, 41,3% raramente, 25% as vezes, 11,3% quase sempre, 0% sempre. O tipo de violência mais prevalente na escola foi “brigas entre alunos” (92,5%), bem como 46,2% referiram ter sofrido violência contra professores e funcionários. A maioria referiu que a violência escolar afetou a voz (65%) e que a voz piorou após sofrer algum tipo de violência (66,2%). Os sintomas vocais mais percebidos após a violência escolar foram garganta seca (71,2%), rouquidão (68,7%) e cansaço ao falar (65%). A análise bivariada demonstrou uma associação significativa entre a violência contra professores e funcionários com o sintoma de perda da voz (OR 2,71 e p-valor = 0,014). **Conclusão:** Os resultados nos mostram que os problemas vocais autorreferidos pelos professores, podem ser ligados não somente ao mau hábito de uso vocal, mas também à violência nas escolas, ou seja, de cunho emocional, visto que a maioria dos profissionais que responderam ao questionário, referiram que a violência ocorrida em âmbito escolar, afeta sua voz.

PALAVRAS - CHAVE: Voz. Qualidade da Voz. Professor. Violência.

SCHOOL VIOLENCE AND SELF-REFERRED VOCAL SYMPTOMS BY PUBLIC EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT: Introduction: Violence is understood as a public health problem and consists of any attitude or action that causes any physical, social, psychological and / or spiritual damage to a person or a living being. Literature recommends that the teacher has a clear, powerful, stable and lively voice in the classroom. However, school violence, when present, may affect the vocal production of the teacher. **Objective:** To describe school violence and self-reported vocal symptoms by public school teachers. **Method:** This is a descriptive, observational, cross-sectional study, which was carried out in public schools in the city of Cuiabá-MT. Professionals who work as teachers in the public school system were selected, using the Vocal Production Condition Questionnaire - Teacher (CPV-P) prepared by Ghirardi and collaborators (2013), which aims to investigate the vocal behavior of teachers during professional activities and personal. The collected data were tabulated and submitted to descriptive analysis. **Results:** 80 teachers participated in the study, 75.8% of whom were women. As for the frequency of school violence, 22.5% said never, 41.3% rarely, 25% sometimes, 11.3% almost always, 0% always. The most prevalent type of violence at school was “fights between students” (92.5%), as well as 46.2% reported having suffered violence against teachers and staff. Most reported that school violence affected the voice (65%) and that the voice worsened after suffering some type of violence (66.2%). The most common vocal symptoms after school violence were dry throat (71.2%), hoarseness (68.7%) and tiredness when speaking (65%). The bivariate analysis that demonstrated a significant association between violence against teachers and staff with the symptom of loss of voice (OR 2.71 and p-value = 0.014). **Conclusion:** The results show us that the vocal problems self-reported by teachers, can be linked not only to the bad habit of vocal use, but also to violence in schools, that is, of an emotional nature, since most professionals who answered the questionnaire, reported that the violence that occurred at school affects their voice.

KEYWORDS: Voice. Voice Quality. Teacher. Violence.

INTRODUÇÃO

A voz de cada indivíduo tem suas próprias características e está diretamente relacionada com os fatores genéticos, biológicos, culturais e psicossociais. Dessa forma, as emoções interferem diretamente na voz do ser humano, sendo que quando uma pessoa passa por um momento de estresse intenso ou medo, este estado emocional pode fazer com que o indivíduo fique rouco ou afônico (totalmente sem voz), caracterizando um quadro de disfonia (GOULART, 2002).

A disfonia é qualquer distúrbio na voz, pois afeta a qualidade de vida do indivíduo em vários aspectos, principalmente para quem usa a voz como instrumento de trabalho (KASAMA; BRASALOTTO, 2007). A violência pode ser um precursor para o surgimento das disfonias (VAN DAMME, 2014).

Casos sobre violência escolar tem se tornado cada vez mais frequentes, desigualdade social, desestruturação familiar, violência física e simbólica, enfim, são diversos fatores. A

escola está cada dia mais aberta à sociedade, pois os alunos levam para a aula seus problemas cotidianos (VAN DAMME, 2014).

Minayo e Souza (2006) afirmam que a violência é compreendida como um problema de saúde pública e consiste em qualquer atitude ou ação que cause algum prejuízo físico, social, psicológico e/ou espiritual a uma pessoa ou ser vivo. Além disso, a literatura concorda que a violência é um fenômeno multicausal que possui forte correlação com desigualdades econômicas e socioculturais, bem como está relacionada com os aspectos subjetivos e comportamentais vigentes em cada sociedade (MALTA et al., 2010).

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2013), o primeiro lugar no ranking de violência contra o professor é o Brasil. Em uma pesquisa feita com 100 mil professores e diretores do ensino fundamental e médio, 12,5% disseram ser vítimas de agressões verbais e físicas uma vez por semana (OCDE, 2013). Esse índice verificado pela OCDE foi o mais alto entre os 34 países pesquisados.

No estado de São Paulo, em 2015, segundo uma pesquisa feita pelo Sindicato de professores do estado de São Paulo (Apeoesp), mostrou que 44% dos professores em atuação já sofreram algum tipo de agressão, sendo que 84% sofreu agressão verbal, 53% bullying, 52% agressão física e vandalismo (CRUZ, 2013).

A literatura recomenda que o professor tenha em sala de aula uma voz clara, potente, estável e animada (BEHLAU, 2010). No entanto, a violência escolar pode estar afetando a voz dos professores. Portanto, este estudo tem como objetivo descrever a violência escolar e os sintomas vocais autorreferidos por professores do ensino público.

MÉTODOS

Tratou-se de um estudo descritivo, observacional, transversal que teve como população alvo 80 professores da rede pública de ensino da cidade de Cuiabá-MT. A amostragem foi realizada por conveniência conforme a participação voluntária dos professores. O estudo foi iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) conforme CAAE 15143619.1.0000.5692 e parecer número 3.502.625.

Inicialmente os professores foram convidados para participar do estudo, sendo explicados os objetivos da pesquisa e apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (Anexo I).

Foram incluídos no estudo professores da rede pública, idade mínima de 23 anos, graduados em pedagogia ou licenciado, independente do sexo e orientação sexual, com ou sem queixa vocal. Foram excluídos do estudo pessoas com mais de 60 anos, professores com perdas auditivas, problemas neurológicos ou com gagueira. Além disso, foram excluídos os professores que apresentaram o diagnóstico de disfonia vocal autorreferida.

Logo após, os professores responderam às perguntas sobre violência escolar e sintomas vocais do questionário denominado Condição de Produção Vocal - Professor

(CPV-P) elaborado por Ghirardi e colaboradores (2013), que foi adaptado para este estudo (Anexo II). Ao todo, 8 questões, com tempo estimado de 10 minutos, foram aplicadas pessoalmente e via Google Forms para o e-mail dos professores.

O questionário foi dividido em três partes: dados profissionais, violência escolar e sintomas vocais. Nos dados profissionais o professor apontou o sexo, há quanto tempo é professor, quantas horas semanais permanece com os alunos, a frequência em que sofre a violência escolar (classificar em nunca, raramente, às vezes, quase sempre e sempre), relatou se a violência escolar afeta a voz (classificando em sim ou não) e se sentiu a voz pior após sofrer algum tipo de violência escolar (sim ou não).

Para o eixo violência escolar os professores tiveram que responder sim ou não para as questões: Já roubaram os seus objetos pessoais na escola? Você presenciou atos de vandalismo contra o prédio? Você presenciou brigas entre alunos? Você percebeu que roubaram algum material da escola? Você já presenciou alguma manifestação de bullying? Na sua escola ocorre violência contra professores e funcionários? Você já presenciou alguma violência à porta da escola?

Para o eixo sintoma vocal os professores tiveram que responder sim ou não para os seguintes sintomas vocais após ter sofrido algum tipo de violência escolar: rouquidão, perda da voz, falha na voz, voz grossa, pigarro, tosse seca, tosse com secreção, dor ao falar, dor ao engolir, secreção na garganta, garganta seca e cansaço ao falar.

Após terem respondido ao questionário, os professores foram orientados sobre os cuidados vocais, maus e bons hábitos, aquecimento e desaquecimento vocal por meio de uma palestra para os professores que responderam ao questionário de forma presencial, e através de uma cartilha de orientações para os que responderam via Google Forms. Além disso, foram encaminhados para realização de tratamento especializado em Fonoaudiologia e/ou Psicologia na Clínica Escola do UNIVAG nos casos que foram necessários.

Os dados foram tabulados no programa Microsoft Excel 2016, sendo expressos por meio de tabelas. As situações de violência escolar e rouquidão autorreferida pelos professores foram apresentadas em forma de frequência absoluta e relativa. Por fim, para verificar a associação entre o tipo de violência escolar e o sintoma vocal apresentado pelos professores foi aplicado o teste Qui-quadrado, adotando-se 5% de nível de significância e 95% de intervalo de confiança, sendo utilizado o software EpiInfo 7.

RESULTADOS

Participaram do estudo 80 professores, a maioria era do sexo feminino (73,8%), com mais de 6 anos de profissão (75%) e que lecionam de 21 a 30 horas/aula por semana (41,3%) (tabela 1).

Variável	n	%
Sexo		
Feminino	59	73,8
Masculino	21	26,2
Tempo de profissão		
Menos de 1 ano	6	7,5
1 ano até 5 anos	14	17,5
Mais de 6 anos	60	75,0
Horas aula por semana		
Até 10 horas	5	6,3
11 a 20 horas	19	23,8
21 a 30 horas	33	41,3
31 a 40 horas	11	13,7
Mais de 41 horas	11	13,7
Não atuo com alunos	1	1,2
Total	80	100

Tabela 1. Caracterização da amostra

Na tabela 2 são apresentados os tipos de violência escolar autorreferidos pelos professores, sendo que a maioria diz ter presenciado brigas entre alunos (92,5%), bem como 46,2% referiram ter presenciado violência contra professores e funcionários. Porém, 41,2% referiram sofrer a violência raramente.

Variável	n	%
Tipos de violência na escola		
Brigas entre alunos	74	92,5
Manifestações de Bullying	52	65,0
Atos de vandalismo contra o prédio	48	60,0
Violência à porta da escola	38	47,5
Violência contra professores e funcionários	37	46,2
Roubo de material escolar	35	43,7
Roubo de objetos pessoais	37	42,6
Com que frequência você sofre a violência escolar?		
Nunca	18	22,5
Raramente	33	41,2
Às vezes	20	25,0
Quase sempre	9	11,3
Sempre	0	0,0
Total	80	100

Tabela 2. Tipos de violência escolar autorreferida pelos professores

Na tabela 3 são apresentadas as queixas vocais autorreferidas por professores relacionadas à violência escolar, sendo que a maioria referiu que a violência escolar afeta a voz (65%) e que a voz piorou após sofrer algum tipo de violência (66,2%). Os sintomas vocais mais percebidos após a violência escolar foram: garganta seca (71,2%), rouquidão (68,7%) e cansaço ao falar (65%).

Variável	n	%
A violência escolar afeta a sua voz?		
Sim	52	65,0
Não	28	35,0
Você sentiu a sua voz pior após sofrer algum tipo de violência escolar?		
Sim	53	66,2
Não	27	33,8
Sintomas vocais percebidos após a violência escolar		
Garganta seca	57	71,2
Rouquidão	55	68,7
Cansaço ao falar	52	65,0
Tosse seca	47	58,7
Falhas na voz	40	50,0
Pigarro	38	47,5
Dor ao falar	35	43,7
Voz grossa	27	33,7
Dor ao engolir	25	31,0
Perda da voz	20	25,0

Tabela 3. Queixas vocais autorreferidas por professores relacionadas a violência escolar

Por último foi feita a análise bivariada que demonstrou uma associação significativa entre a violência contra professores e funcionários com o sintoma de perda da voz (OR 2,71 e p-valor = 0,014).

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou descrever os problemas vocais autorreferidos pelos professores da rede pública de ensino, em relação a violência na escola. Na tabela 1 é possível observar que a maioria dos participantes eram mulheres (73,8%), com mais de 6 anos de profissão (75%) e que lecionam de 21 à 30 horas/aula por semana (41,3%).

A predominância da mulher na profissão de educar apresentou destaque nesse estudo, sendo 73,8% da população pesquisada. A feminização do magistério é um fenômeno internacional, relatado desde 1800, associado à industrialização e à expansão

da escolaridade (LOURO, 2007, p. 450). O destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual” (LOURO, 2007, p. 450). Carvalho (1996) ressalta que faz toda diferença no estudo do trabalho docente o fato de termos uma maioria de mulheres como professoras.

Na tabela 2 é possível verificar que a maioria dos professores presenciou brigas entre alunos (92,5%), bem como 46,2% referiram ter presenciado violência contra professores e funcionários (tabela 2).

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva e pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) revelou que 54% dos professores já sofreram algum tipo de violência nas escolas, em 2017 o percentual foi de 51% e em 2014 de 44%. Entre os estudantes, 37% declararam ter sofrido algum tipo de violência, em 2017 o percentual foi em 39% e 2014 de 38%.

A violência no ambiente escolar vem crescendo em Mato Grosso, é o que revela dados da Secretaria de Estado de Segurança Pública. No primeiro semestre de 2016, foram registrados 148 casos de lesão corporal, já em 2018, foram 238 casos, e isso apenas no primeiro semestre, o que representa um aumento de 60,81%, sendo que brigas e ameaças tiveram aumento de 50% (SESP-MT, 2020).

Segundo Macelos (2003), para o corpo discente “violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas”, enquanto para o corpo docente “a violência representa o descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão”.

A violência que as crianças e os adolescentes exercem é antes de tudo um reflexo do meio sobre eles (COLOMBIER et al., 1989). E é nesse sentido que o estudo citado acima destaca quatro tipos de violência que acontecem nas escolas: a violência contra o patrimônio que é a violência praticada contra a parte física da escola; a violência doméstica que é a violência praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente; a violência simbólica que é a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir, a violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno; e a violência física que corresponde a brigar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, atirar, espancar e dar pancadas (ABRAMOVAY et al., 1999).

Ainda segundo a literatura, é necessário olhar as muitas violências que ocorrem no cotidiano da escola: as institucionais, as interpessoais, as físicas, psicológicas e simbólica. Todas geram uma pressão contínua e que pode causar explosões, maiores ou menores, em determinados momentos e situações (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

No presente estudo, 41,2% dos professores referiram sofrer a violência raramente

(tabela 2). Diante disso, alguns autores afirmam que os professores em sofrimento criam estratégias de defesa ou de enfrentamento das adversidades visando ao exercício da função. No entanto, temos os docentes como uma das categorias profissionais com elevado número de afastamentos por problemas de saúde (MALTA, 2010; FERREIRA, 2011.).

Um estudo realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em parceria com o Ministério da Educação revelou que 70% dos alunos referiu já ter sofrido algum tipo de violência na escola (AMARAL, 2016). Entre os violentados, 65% apontaram um colega como agressor, contudo, mais de 15% alegaram que a agressão partiu dos próprios professores. Entre os tipos de violência praticada, o cyberbullying – que engloba intimidações na internet e em aplicativos de conversa – representou 28% dos casos; roubo e furto representaram 25% dos casos; e ameaças, 21%.

Na tabela 3 foi possível observar que a violência escolar afetou a voz de 65% dos professores e que 66,2% apresentaram piora da voz após sofrer algum tipo de violência.

Um estudo que pesquisou o distúrbio de voz relacionado à violência na escola desenvolvido pela USP verificou que o professor ao vivenciar situações de violência assume cada vez mais responsabilidades, levando a um aumento da sobrecarga, intensificação do trabalho, prejudicando o desempenho vocal e levando ao desenvolvimento do distúrbio de voz (KARMANN, 2013).

Segundo a fonoaudióloga Karmann (2013), a voz e a emoção estão correlacionadas e é preciso ter um controle muito grande para manter a sua qualidade. Além da violência visível, a pesquisadora chama atenção para existência da violência silenciosa, que abrange tudo que agride o trabalho do professor enquanto educador, desviando-o de sua função. Ela pode ser vista desde a forma como a direção, pais e alunos tratam os professores, até a valorização que governo e município destinam a eles.

O professor tende a fazer esforços vocais indevidos como gritar para apartar brigas ou ainda para conseguir ser ouvido na sala de aula por conta do desrespeito à sua presença em sala de aula, ou ainda tencionar os músculos da laringe por conta do seu emocional abalado, medo, nervosismo e insegurança (FERREIRA, 2011).

No presente estudo, os sintomas vocais mais percebidos pelos professores após a violência escolar foram: garganta seca (71,2%), rouquidão (68,7%) e cansaço ao falar (65%) (Tabela 3). Além disso, a análise bivariada que demonstrou uma associação significativa entre a violência contra professores e funcionários com o sintoma de perda da voz (OR 2,71 e p-valor = 0,014).

Um estudo realizado por Ferracciu (2013), cujo tema é “Distúrbio de voz relacionado ao trabalho e estratégias de enfrentamento em professoras da rede pública estadual de Alagoas” revelou que 57,3% referiram ritmo de trabalho estressante, 54,5% relataram que fatores do trabalho interferiram na sua saúde, 56,4% referiram indisciplina em sala de aula e 47,3% referiram brigas. Diante disso, os sintomas vocais mais frequentes foram: garganta seca (54,5%), pigarro (42,7%) e ardor na garganta (42,7%). Além disso, 50,0% afirmaram

que sempre havia violência contra os funcionários ($p= 0,008$); 66,7% faltavam sempre ao trabalho por alterações vocais ($p=0,025$); e 57,1% apresentaram como sintoma a secreção/catarro na garganta ($p=0,019$).

Diante dos achados, sugere-se que haja uma capacitação do professor para cuidar da sua voz e alcançar uma comunicação mais efetiva, porém, mais do que isso, as ações coletivas construídas pela “voz ativa” de cada educador em sua escola resultarão em melhor qualidade de vida e de trabalho para todos. Além disso, que o professor seja capacitado quanto à mediação dos conflitos na escola.

A mediação é tida como uma nova perspectiva de solucionar conflitos nas escolas e universidades. Através da mediação escolar, as instituições de ensino que implementam o programa em sua rotina têm reduzido os índices de violência, aumentando a autoestima de alunos e profissionais da escola, além de diminuir o vandalismo, a depredação e a evasão escolar.

Diante dos achados do presente estudo, foi realizada uma parceria entre a Secretaria de Estado de Educação, Ministério Público Estadual (MPE) e Tribunal de Justiça de Mato Grosso (TJMT) para a realização de um curso cujo objetivo é prevenir e diminuir os registros de violência e indisciplina nas escolas da rede estadual. O foco principal do curso é oferecer aos profissionais da educação formação em práticas de mediação e resolução pacífica de conflitos, a fim de fomentar a adoção dessas habilidades pela comunidade escolar. Com isso, espera-se formar uma importante estratégia para mitigar os casos de violência nas escolas e possibilitar a construção de uma cultura de paz nesses ambientes.

A maior limitação para a realização deste presente estudo, foi dar a continuidade do mesmo de forma presencial devido ao momento de pandemia vivenciada em 2020, para a continuidade da coleta os questionários foram enviados para alguns dos professores via plataforma digital (Google Forms).

CONCLUSÃO

Conclui-se que a maioria dos professores presenciou brigas entre alunos, a violência escolar afetou a voz de 65% dos professores e que 66,2% apresentaram piora da voz após sofrer algum tipo de violência. Os sintomas vocais mais percebidos pelos professores após a violência escolar foram: garganta seca, rouquidão e cansaço ao falar. Além disso, a análise bivariada indicou uma associação significativa entre a violência contra professores e funcionários com o sintoma de perda da voz. Os resultados demonstram que os problemas vocais autorreferidos pelos professores, podem ser ligados não somente ao uso vocal, mas também à violência nas escolas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. B. **70% dos estudantes consideram que já ocorreu violência em suas escolas.**

Acesso em: 15 de jul de 2020. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=14880>

BEHLAU, M. **Voz: O livro do especialista**, Rio de Janeiro, revinter; 2005. P 79-99.6.

BRASIL. **Decreto Nº 5.173, de 30 de dezembro de 2008.** Lei orgânica dos profissionais da secretaria de educação de Cuiabá, Cuiabá, MT, dezembro 2008.

Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 28, n. 11, p. 2115-2124, nov, 2012.

CRUZ, Fernanda - **Terra** - 02/09/2013 - Edição: Carolina Pimentel

DRAGONE, M. L. S. et al. **Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, 2010.

FERNANDES, Daniela. **Pesquisa põe Brasil em topo de ranking de violência contra professores**, 29 de agosto de 2014.

FERRACCIU, Cristiane Cunha Soderini et al. **Distúrbio de voz relacionado ao trabalho e estratégias de enfrentamento em professoras da rede pública estadual de Alagoas**. 2013. Tese de Doutorado.

FERREIRA, L. P. et al. **Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. Distúrbios da comunicação**, v.19, n.1, p.127-36, 2007.

FERREIRA, Léslie Piccolotto et al. **A violência na escola e os distúrbios de voz de professores. Distúrbios da Comunicação**, v. 23, n. 2, 2011.

KARMANN, Delmira de Fraga. **Distúrbios de voz e violência na escola: relato de professoras**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KASAMA, Silvia Tieko; BRASALOTTO, Alcione Ghedini. **Percepção vocal e qualidade de vida. Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri - SP, 2007.

KIANEK, Alessandra. ROMANI, André. **access_time** 13 março 2019

MACELOS, V. A. **A violência escolar**. Acesso em 15 de julho de 2020. Disponível em <https://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/sociologia/violencia-escolar.htm>

MALTA, Deborah Carvalho et al. **Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. 3053-3063, Oct. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000800010&lng=en&nrm=iso>. access on 15 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000800010>.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SESP-MT. **A violência no ambiente escolar**. Secretaria de Estado de Segurança Pública. Acesso em 15 de jul de 2020. Disponível em: <http://www.sesp.mt.gov.br/>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 8, 15, 24, 44, 106, 107, 117, 136, 142, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 199, 210, 214, 222, 233

Alteração Sensorial 6, 27, 30, 35, 36

Aplicativos 72, 80, 83, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 250

Aprendizagem 8, 19, 23, 24, 32, 34, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 74, 93, 98, 99, 100, 105, 107, 113, 114, 115, 116, 123, 127, 128, 135, 137, 143, 145, 147, 150, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 185, 186, 187, 188, 189, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 215, 221, 222, 223, 230, 231, 232, 233, 234, 240, 241, 302

Aquisição de linguagem 6, 1, 2, 5, 13, 14, 16, 35, 241, 317

Atenção Compartilhada 39, 42, 56, 61, 62, 64, 74, 77

Atraso de linguagem 6, 27, 28, 30, 36, 240

C

Caligrafia 135, 137, 145, 187, 224, 229

Comunicação Suplementar e/ou Alternativa 44, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77

Consciência Fonológica 23, 24, 25, 44, 57, 66, 115, 146, 159, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 185, 200, 207, 210, 211, 223

Cromossomo 21 55, 56

D

Deficiência 5, 19, 32, 34, 39, 41, 55, 57, 68, 69, 70, 71, 76, 77, 78, 81, 121, 125, 129, 190, 223, 224, 240, 270

Déficit Específico da Linguagem 18

Desenvolvimento infantil 19, 38, 40, 45, 234, 240

Disfonia 9, 244, 245, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 277

Disgrafia 135, 136, 137, 138, 142, 144, 146, 185, 187, 190, 192, 193, 194, 221, 223, 230

Dislexia 8, 9, 17, 18, 23, 24, 25, 146, 172, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 273

Distorção Idade-Série 7, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

Distúrbio de Linguagem 47, 49, 52, 53

E

Educação em Saúde 90, 91, 92, 100, 105, 113, 235

Educação Infantil 9, 46, 113, 115, 116, 117, 146, 160, 171, 232, 234, 235, 239, 240, 241, 242

Escrita 5, 7, 8, 9, 3, 15, 29, 57, 66, 72, 73, 74, 78, 113, 114, 115, 117, 119, 121, 125, 129, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 239, 240, 242, 262

F

Fala sinalizada 125

Fluência de leitura 8, 164, 172, 199, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219

Frequência Fundamental 88, 275, 287, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 303

G

Gestos 1, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 13, 28, 35, 59, 69, 119, 124, 129, 132, 189, 307, 308, 310, 312, 315, 316

H

Habilidades Comunicativas 6, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 59, 65, 113, 121

Habilidades Metafonológicas 161, 167, 170, 200

Hipotonia Muscular 57, 65

Homens Trans 10, 287, 296, 299, 300, 301, 303, 304, 305

I

Integração Viso-Motora 189, 193, 222, 228, 229

Intersetorialidade 113

Intervenção ortográfica 8, 173, 175, 183, 184, 185

J

Jitter e Shimmer 275, 291, 295, 298

Jogo Simbólico 56, 61, 62, 63, 64

L

Letramento 44, 114, 117, 132, 160, 172

M

mHEALTH 7, 90, 101, 104

Multimodalidade 6, 1, 5, 14, 15, 317

P

Percepção Visual 160, 174, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 222, 228

Políticas Públicas 115, 116, 130, 147, 320

Pragmática 6, 15, 17, 21, 47, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67

Processamento Auditivo 8, 9, 20, 164, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 223, 240, 260, 261, 262, 263, 267, 268, 270, 271, 272, 273

Processamento digital de sinais 80, 81

R

Rota Fonológica e Lexical 138

Ruído 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 117, 205, 206, 208, 211, 270, 276, 287, 294, 295

S

Síndrome de Down 6, 55, 56, 59, 65, 66, 67

Síntese de fala 81

Surdos 119, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 239

T

Tecnologia Assistiva 71, 77, 78

Terapia Hormonal 10, 289, 290, 299, 300, 301, 303, 304

Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem 6, 17, 18, 19, 22, 24, 25

Transtorno do Espectro Autista 6, 20, 26, 27, 28, 37, 38, 39, 40, 73, 76, 119, 131

Triagem Auditiva 90, 91, 92, 97, 100

V

Violência Escolar 9, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 252

Voz 5, 7, 10, 15, 71, 75, 79, 80, 81, 83, 86, 88, 89, 113, 146, 150, 215, 233, 243, 244, 245, 246, 248, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 310, 312, 313, 316, 317, 318, 319

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021